

Sobre o ensino da Filosofia

ANTÓNIO BROTAS*

EU TIVE um fabuloso professor de Filosofia. Foi o professor Edmundo Curvelo, no Colégio Militar, em 1946, por ocasião de uma muito curiosa experiência que vale a pena recordar. Havia, na altura, no então chamado ensino liceal, um exame no 6.º ano (10.º ano de escolaridade). O Ministério da Educação resolveu passar este exame para o 5.º ano, mas não o quis fazer sem antes realizar uma experiência pedagógica.

Ou porque lhe era difícil fazê-la numa escola dependente do Ministério, ou porque, simplesmente, a não sabia fazer, combinou com o Ministério da Guerra (antecessor do actual Ministério da Defesa) que a experiência fosse feita no Colégio Militar que dele dependia. O Ministério da Guerra, que não estava propriamente vocacionado para fazer experiências pedagógicas do ensino secundário, deu liberdade total aos professores do Colégio Militar para escolherem as disciplinas com os conteúdos, programas, métodos de avaliação e exames que muito bem entendessem. É assim que eu não tenho o curso do liceu, mas sim o curso do Colégio Militar, reconhecido como equivalente pelo Ministério da Educação.

O professor Edmundo Curvelo já tinha sido meu professor de História, disciplina em que não tinha adoptado nenhum livro. Em vez disso, convenceu o director a abrir aos alunos a biblioteca do Colégio Militar onde, até à data, não tinham acesso. Também não seguiu, que eu tenha notado, qualquer programa. Distribuíam-nos temas que preparávamos e, depois, éramos nós que dávamos as aulas (nalguns casos, em francês).

A Filosofia ensinada no Liceu tinha, na altura, quatro componentes: a Psicologia, a Lógica, a Estética e a Ética/Moral.

Quando o professor Curvelo viu que não tinha de preparar os seus alunos para o exame oficial do 7.º ano, pôs imediatamente de lado a Estética e a Ética. Não falou do nome de nenhum antigo filósofo e interessou-se, sobretudo, pela Psicologia, em que só nos falou de duas coisas: das sensações e da memória. Ensinou-nos a olhar para as nossas

Convém lembrar os grandes professores porque, sem eles, os sistemas educativos perdem o sentido

sensações e para a nossa memória e apaixonou-nos. E, como estava encarregue de organizar o Laboratório de Psicotecnologia do Colégio Militar, responsabilizou um aluno por cada aparelho de medida.

Passados todos estes anos, se escrevo artigos sobre a Educação é porque tive como professor o professor Edmundo Curvelo. As minhas reflexões pedagógicas e «filosóficas» são muitas vezes «diálogos» que imagino com ele, em que faço perguntas e tento imaginar como responderia. Por exemplo, eu digo: «Com a minha experiência de professor e lembrando-me das suas aulas, acho que o en-

sino da Filosofia, no início, só deve ter três componentes: as sensações, a memória e a inteligência, em que os jovens sejam ensinados a olhar para as suas sensações, para a sua memória e para a sua inteligência. Porque é que o professor, nas suas aulas, não falou da terceira componente?». Penso que ele responderia qualquer coisa do género: «Porque era prematuro. Olhar para a própria inteligência e para a dos outros não é fácil. É algo que se deve aprender na Universidade e nem sempre se consegue (como sabe, eu fui depois ensinar na Faculdade de Letras)». Eu diria: «Agora, quando leio um texto fundamental do Einstein, ou de algum outro grande físico, já não me interesso pela Física. O que me interessa é ver como é que aqueles sujeitos usaram a inteligência para chegar àquilo. Já descobri que a Estética tem um grande papel. Agradeço-lhe bastante por não me ter dado nenhuma aula de Estética dando-me tempo para descobrir a sua importância. E o mesmo para a Ética/Moral». Acho que ele diria: «Quanto à Estética, aquilo de que vocês gostavam era de jogar futebol. E quanto à Moral, eram muito solidários uns com os outros, o que eu apreciava muito».

Convém lembrar os grandes professores porque, sem eles, os sistemas educativos arriscam-se a ser grandes máquinas burocráticas, bloqueadas por dentro pelos seus programas e avaliações internas, que perdem o sentido do que deviam e poderiam ser.

(A escrita deste texto foi estimulada pelo artigo: «Ensino da Filosofia deve começar no Básico» do professor Pedro Miguel Melo de Almeida, publicado no EXPRESSO de 26 de Fevereiro).